

# Formação de professores e o currículo cultural da educação física: uma etnografia sobre a prática pedagógica

*Teacher training and cultural Physical Education curriculum: an educational ethnography about practice*

**Cláudio Aparecido de Sousa**

Mestrando no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Uninove. Docente no Curso de Graduação em Educação Física da Uninove e professor de Educação Física na rede pública municipal de São Bernardo do Campo (SP)  
claudio.sousa@uni9.pro.br

**Jason Ferreira Mafra**

Doutor em Educação pela USP, docente no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Uninove  
jasonmafra@gmail.com

**Resumo:** A rede pública municipal de São Bernardo do Campo, no ano de 2014, recebeu de forma inédita, em todas as escolas municipais de educação básica (EMEBs) da região, a chegada dos professores de Educação Física, para atuarem no ensino fundamental I. A Educação Física escolar brasileira, até meados dos anos de 1980, tinha como abordagem predominante nas aulas a aptidão física. Nesse modelo de ensino, podemos identificar os esportes coletivos como prioridades nas aulas, em relação aos demais esportes e conteúdos da área: o voleibol, o futebol, o basquetebol e o handebol. O objetivo deste estudo é, por meio de um exercício etnográfico, verificar o tratamento do currículo cultural da Educação Física a partir da experiência escolar de um professor da rede pública municipal de São Bernardo do Campo e problematizar a formação dos docentes nas práticas pedagógicas desta disciplina.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar. Currículo cultural. Formação de professores. Círculo de Cultura.

**Abstract:** The municipal public network of São Bernardo do Campo, in 2014, received an unprecedented manner in all Municipal Basic Education Schools (EMEBs) of the region, the arrival of physical education teachers, to work in primary education I. Education Brazilian school physical until the mid-1980s, was the predominant approach in class physical fitness. In this teaching model, we can identify the team sports as a priority in class, compared to other sports and area contents, volleyball, football, basketball and handball. The aim of this study is, through an ethnographic exercise, check the treatment of cultural curriculum of physical education from the school experience of a teacher of the municipal public network of São Bernardo do Campo and discuss the training of teachers in pedagogical practices this discipline.

**Keywords:** School Physical education. Cultural curriculum. Teacher training. Culture Circle.

## A problemática

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei n.º 9.394/96), a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular obrigatório da educação básica. Diversas escolas no Brasil contam com essa disciplina no currículo, uma conquista para as comunidades escolares e principalmente para os alunos, que, por consequência do modelo de ensino vigente no país, permanecem grande parte do tempo sentado nas cadeiras das escolas, sendo o momento de prática de atividades físicas vivenciado nas aulas de Educação Física. Isso ocorre por meio das brincadeiras, esportes, jogos, lutas, danças, atividades rítmicas e práticas de aventura, temas que são indicados em importantes documentos nacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 1997, 2016).

A Educação Física escolar brasileira, até meados dos anos de 1980, viveu um momento em que predominava nas aulas os esportes coletivos. O tratamento desse tema foi especificamente voltado para o alto rendimento, o que ocasionou a exclusão nas aulas de parte dos alunos menos habilidosos e das pessoas com necessidades educacionais especiais. Um dos motivos desse quadro foi a ênfase na execução de movimentos mecânicos que desconsidera o saber daqueles que não conseguem realizar os movimentos com eficiência motora. Naquela época, a Educação Física tinha como abordagem pedagógica predominante nas aulas a aptidão física que se demonstrava a partir da prática dos esportes coletivos, especialmente o voleibol, o futebol, o basquetebol e o handebol, modalidades esportivas prioritárias nas aulas em relação aos demais esportes e conteúdos da área.

A partir dessa época, diversas abordagens surgiram, todas com o intuito de romper com o modelo mecanicista atribuído às aulas de Educação Física praticada nas escolas.

Dentre as principais abordagens desse grupo estão a desenvolvimentista, a construtivista, a crítico-emancipatória, a crítico-superadora, a psicomotricidade, a fenomenológica, a sociológica, a cultural, a saúde renovada, os jogos cooperativos e a dos Parâmetros Curriculares Nacionais (DARIDO, 2003).

Nos dias atuais, observamos na literatura da Educação Física que ainda existem práticas pedagógicas de segregação e exclusão, separando os alunos por gênero nas atividades e potencializando práticas que submetem a predominância apenas de meninos ou de meninas, além de concepções meramente voltadas às questões de saúde que podem descaracterizar a verdadeira função social do componente curricular da disciplina de Educação Física. Em dissertação de mestrado,

Aguiar (2014, p. 12) argumentou que “[...] as meninas permaneciam de costas [...]” nas aulas de Educação Física em escolas estaduais do Município de Jandira (SP), pois, na maioria das vezes, elas não participavam das aulas. As cenas que se viam eram os meninos jogando futebol ou handebol e as meninas sentadas na arquibancada, assistindo ou reunidas no canto da quadra, brincando com uma bola de vôlei.

Campos (2010), analisando o projeto pedagógico da rede pública municipal de São Bernardo do Campo, no intuito de contribuir para a construção de um currículo para a disciplina de Educação Física, observou que a prática pedagógica ministrada por professores polivalentes era, em sua generalidade, espontaneísta; por exemplo, o hábito de distribuir bolas para os meninos e cordas para as meninas usarem livremente, sem intencionalidade pedagógica. Um dos possíveis motivos para esse modelo de aula é a ausência de professores formados em Educação Física. Até o ano de 2013, a rede municipal de São Bernardo do Campo não tinha em seu quadro professores especialistas da disciplina<sup>1</sup>, cabendo às professoras e professores que atuavam em sala de aula a responsabilidade de ministrar os conteúdos da cultura corporal. A partir desse cenário, cabe a pergunta: Será que existem currículos que privilegiam essa prática de exclusão separando alunos por habilidades, gênero, classe social, etnia ou crença religiosa?

Para Silva (2015, p. 91),

O feminismo vinha mostrando, com força cada vez maior, que as linhas do poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo, mas também pelo patriarcado. De acordo com essa teorização feminista, há uma profunda desigualdade dividindo homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte gritantemente desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Essa repartição desigual estende-se, obviamente, à educação e ao currículo.

Em sua obra, Neira e Nunes (2006) nos apresentam o currículo cultural da Educação Física. Nessa abordagem, as atividades realizadas durante as aulas na escola não podem ser esvaziadas ou fragmentadas a ponto de perder seu significado pessoal, social e cultural. Na perspectiva cultural, deverão, prioritariamente, partir das práticas sociais onde a movimentação se dê em função da comunicação, expressão de sentimentos e intenções. Assim, as aulas de Educação Física proporcionarão aos alunos oportunidades para que vivenciem, estudem e conheçam as brincadeiras, esportes, lutas, ginásticas, jogos e práticas de aventura, tornando

a disciplina como uma forma inclusiva das manifestações da cultura corporal, superando os estigmas, hegemonia e toda forma de preconceito que outrora fizeram parte das aulas de Educação Física na escola.

Neste sentido, Daólio (1995) nos apresenta o “olhar antropológico”, como forma de eliminar todas as barreiras de preconceitos existentes no interior da escola, em relação a estereótipos corporais, de gênero, etnia, ou classe social que afastavam os alunos das aulas por não terem habilidades estabelecidas nas atividades físicas.

A rede pública municipal de São Bernardo do Campo, no ano de 2014, recebeu de forma inédita em todas as escolas municipais de educação básica (EMEBs), da região, a chegada dos professores de Educação Física para atuarem no ensino fundamental I. A Educação Física neste município tem uma proposta curricular definida para orientar a prática pedagógica dos professores. Tal proposta foi elaborada no ano de 2007, e teve a participação dos gestores, professores polivalentes e professores universitários que assessoravam a rede municipal na disciplina de Educação Física escolar (EFE) com vistas à construção de um currículo para orientar a prática pedagógica dos professores. Para tanto, considerou-se necessária a contratação de professores formados em Educação Física com o objetivo de tornar o trabalho mais efetivo nas escolas e eliminar as práticas espontaneístas. O pressuposto teórico do currículo deste município tem embasamento no currículo cultural da Educação Física (DAÓLIO, 1995; NEIRA; NUNES, 2006).

De acordo com Neira, Muller e Nunes (2015), diversos municípios como São Paulo (SP), Osasco (SP), Cubatão (SP) e Rio de Janeiro (RJ), além de escolas franciscanas, maristas e escolas do Serviço Social da Indústria (Sesi), também fizeram a opção pelo currículo cultural de Educação Física. Esses dados apontam para um possível sucesso desse modelo de currículo para o desenvolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem e para orientar o trabalho do professor de Educação Física na sua prática pedagógica. Os autores ainda ressaltam que essa proposta reafirma a consideração das diferenças no âmbito escolar, pois,

[...] sobrepor uma cultura a outra, como acontece nos currículos convencionais, é uma forma de disputa onde prevalece, muitas vezes, o mais poderoso economicamente ou aquele que dialoga melhor com o discurso neoliberal vigente (NEIRA; MULLER; NUNES, 2015, p. 116).

Para Moreira e Candau (2003), o currículo é ferramenta importante no trabalho pedagógico, pois requer dos professores novas posturas, saberes, objetivos,

conteúdos, estratégias e novas formas de avaliação. Neste sentido, é necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática pedagógica com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados.

Diante do quadro exposto, o objetivo deste estudo é verificar o tratamento do currículo cultural da Educação Física e do Círculo de Cultura na prática pedagógica de um professor da rede pública municipal de São Bernardo do Campo (neste caso, as práticas do próprio pesquisador) e analisar se a formação dos professores de Educação Física influencia em sua prática pedagógica na atuação docente no referido município.

## O desenvolvimento das aulas

Durante o 1º trimestre de 2016, em uma escola de ensino fundamental I da rede pública municipal de São Bernardo do Campo, optamos por desenvolver o currículo cultural da Educação Física nas aulas<sup>2</sup>, juntamente com o Círculo de Cultura. Para isso, apoiamos-nos nas seguintes fontes: a) proposta curricular daquele município (2007), que orienta a prática pedagógica dos professores de Educação Física; b) concepção de currículo cultural (NEIRA; NUNES, 2006; DAÓLIO, 1995); c) conceito de Círculo de Cultura (FREIRE, 2006); d) etnografia da prática escolar, de acordo com a metodologia das aulas de Educação Física (ANDRÉ, 1995).

Geograficamente, a escola está localizada na região do ABC Paulista, no município de São Bernardo do Campo<sup>3</sup>, localidade conhecidamente bastante desenvolvida do estado de São Paulo. As turmas escolhidas para a realização desta pesquisa foram as classes dos 3º, 4º e 5º anos do período da manhã, que iniciaram o ano letivo de 2016 no mês de fevereiro, e participam das aulas três vezes por semana, considerando o tempo de 50 minutos de aula para cada turma.

Para iniciar as aulas de Educação Física, realizamos um mapeamento com os alunos no momento do Círculo de Cultura, que acontece no início da aula, com vistas a identificar as vivências e práticas corporais experimentadas por eles em regiões próximas à escola e às suas casas. Para tanto, por meio de questionários, levantamos quais jogos e brincadeiras eles conheciam. Foram unânimes as respostas dos alunos que, na grande maioria, disseram conhecer tradicionais brincadeiras como “pega-pega”, “esconde-esconde”, “rouba bandeira”, “queimada”, futebol e handebol.

Esses alunos também participam de atividades físicas, no contraturno do período em que estão na escola, em uma quadra poliesportiva, que oferece ativi-

dades como futsal e handebol. Tendo em vista os nossos propósitos, optamos por desenvolver atividades como jogos e brincadeiras para ampliar as atividades que eles conheciam e para integrar o projeto escolhido pela equipe escolar em 2016, denominado “Conhecendo o Brasil e suas tradições”. Desta maneira, a perspectiva da interdisciplinaridade foi primordial nos aspectos conceituais e de participação ativa nos jogos e brincadeiras. É que, dessa forma, os alunos aprendem a ler as práticas corporais em seu modo mais amplo. Considera-se que a prática pedagógica de Educação Física, embasada nos seus aspectos de diversidade cultural e discussão conceitual, que acontece durante o momento de Círculo de Cultura, aproxima-se de objetivos centrais para a formação dos alunos, dentre eles, o pleno desenvolvimento, a reflexão e a transformação de sua realidade social.

O Círculo de Cultura é, ao mesmo tempo, uma concepção pedagógica e uma “técnica” didática que se tornou mais conhecida pelas experiências de Paulo Freire com a educação popular, especialmente no famoso projeto de Angicos (RN), que, no início da década de 1960, marcou a história da alfabetização de adultos. Embora o seu intuito inicial tenha sido o trabalho com educação de adultos, várias experiências, em diferentes modalidades, foram realizadas tendo como fundamentos os princípios dessa concepção educativa. Tendo em vista as várias possibilidades de aplicação dessa “técnica”, decidimos experimentá-la nas aulas de Educação Física.

Consideramos, especialmente, as possibilidades de, com o Círculo de Cultura, ampliar os momentos de diálogo, organização e promover um ambiente mais harmonioso entre os alunos, professores e na escola de uma maneira geral. Para Romão et al. (2006, p. 182) “[...] o diálogo [...] implica a demarcação de um espaço democrático e não de subordinação e dependência do conhecimento de um em relação ao conhecimento do outro”. Sendo o diálogo um dos conceitos centrais da prática freiriana, o Círculo de Cultura encontra, na diversidade cultural, a sua grande riqueza e, ao mesmo tempo, os caminhos para o diálogo intercultural.

As aulas de Educação Física escolar (EFE), desenvolvidas nas perspectivas do Círculo de Cultura e do currículo cultural, consideram e valorizam as diferenças dos alunos, de forma que os “menos habilidosos” têm a oportunidade de participação nas atividades de maneira muito mais inclusiva e, em grande medida, mais igualitária, considerando as possibilidades de participação. Por exemplo, as pessoas com necessidades educacionais especiais participam de todas as atividades, assim como aquelas com maiores dificuldades de aprendizagem. Nesse processo pedagógico, o Círculo de Cultura é o momento da aula em que tematizamos os conteúdos da cultura corporal; é também momento em que os alunos têm a oportunidade de ser protagonistas de suas aprendizagens, trazendo brincadeiras e

jogos que vivenciaram em outros locais para apresentar as atividades para os demais colegas, desta maneira, tendo suas “vozes” valorizadas no interior da escola.

No desenvolvimento etnográfico deste trabalho, os alunos tiveram a oportunidade de propor e de participar de atividades como: “Pique-bandeira”, “mãe da rua musical”, diferentes tipos de “pega-pega” que eles trouxeram de suas casas para apresentar aos colegas. Além desses, as brincadeiras “esconde-esconde”, “jogo dos quatro cantos”, “jogo bola ao capitão”, “alerta” e diversos jogos de “queimada” também foram objetos de observação. Após o desenvolvimento dessas atividades, com os devidos registros etnográficos, as brincadeiras eram problematizadas em grupos nos Círculos de Cultura. Aqui não temos como objetivo fazer a descrição de todas essas atividades, pois o nosso intuito é demonstrar a participação efetiva dos alunos na elaboração do processo didático.

A partir das análises sistemáticas da etnografia em diálogo com categorias freirianas, observamos no Círculo de Cultura uma importante contribuição do legado de Paulo Freire para a disciplina de Educação Física. Através desse movimento, é possível ao professor promover uma pedagogia conectiva com os alunos durante o momento de diálogo. Na concepção freiriana, a conectividade, enquanto práxis pedagógica é uma condição para que o conhecimento leve em conta a noção da totalidade cultural em diálogo com as singularidades da cultura. Para Mafra (2016, p. 39), “[...] na existência inteira de Freire a conectividade é uma espécie de categoria-mestra [...]”, em torno da qual orbitam outras categorias da pedagogia emancipadora.

Por meio da prática do Círculo de Cultura nas aulas de Educação Física, observamos momentos importantes de superação na formação dos educandos, como podemos constatar na avaliação de um dos alunos, após alguns encontros realizados com esse formato pedagógico: “Professor, esse Círculo de Cultura tem ‘magia’ porque o Heitor que só faz coisas erradas levantou a mão pra falar e pediu desculpa sobre o que ele fez de errado na aula e ainda falou que vai ser uma nova pessoa”.

Nossa prática educativa de vários anos nos mostrou que, para o bom desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar, os alunos precisam estar envolvidos no diálogo com os seus pares, precisam respeitar e reconhecer a legitimidade das diferenças e, principalmente, preservar a boa convivência no âmbito escolar. Esse currículo é o que melhor se aproxima do contexto de Educação Física revolucionária apresentada por Medina (1983). De acordo com este autor,

É a concepção mais ampla de todas. Procura interpretar a realidade dinamicamente e dentro de sua totalidade, não considera nenhum

fenômeno de uma forma isolada, o ser humano é entendido por meio de todas as suas dimensões e no conjunto de suas relações com os outros e com o mundo. Está constantemente aberta para as contribuições das ciências, na medida em que o próprio conhecimento humano evolui como um todo. Procura primar sempre pela autenticidade e coerência, ainda que compreenda as dificuldades inerentes às contradições da sociedade. (MEDINA, 1983, p. 81).

O autor tenta contribuir para a área de Educação Física com o objetivo de explicitar o termo “revolução” como sendo uma nova forma de tratar outros temas desta disciplina (como as brincadeiras, os jogos, os esportes, as lutas e as práticas de aventura), visando promover a criticidade dos alunos por meio da aprendizagem contextualizada. Ele afirma que essa concepção só será possível de ser efetivada por intermédio da chamada consciência transitiva crítica. Para Medina (1983, p. 81), a Educação Física revolucionária pode se definir como “[...] a arte e a ciência do movimento humano que, através de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua auto-realização”.

## A formação dos professores de Educação Física em São Bernardo do Campo

No período de 2014-2015, os recém-chegados professores de Educação Física da rede pública municipal de São Bernardo do Campo participaram das formações continuadas, com o objetivo de levar subsídios para o trabalho pedagógico na escola. As formações aconteceram uma vez por mês e os grupos eram divididos de acordo com a região de atuação profissional nas proximidades de bairros escolares. A rede municipal elaborou um currículo comum para orientar o trabalho dos professores, esperando que as formações pudessem dialogar com o documento oficial elaborado para auxiliar a prática pedagógica.

O mencionado documento tem como referencial teórico o currículo cultural da Educação Física, sendo que Neira e Nunes (2006) formam a sua base de discussão teórica. De fato, observa-se que os autores do documento informam que, nesse modelo curricular, o trabalho dos professores será amparado pelos estudos culturais. Além dos autores brasileiros, essa proposta recorreu a outros nomes conhecidos dessa abordagem, dentre os quais, Michael Apple, Henri Giroux, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Peter McLaren.



As formações continuadas, que não se pautaram nesse documento, tiveram ênfase especificamente em aspectos teóricos, utilizando como referência autores como Piaget, Vygotsky, Wallon e Skinner. Embora muitos desses autores tenham seus trabalhos vinculados ao mundo da vida, a reflexão sobre a prática, a relação com a práxis pedagógica e os processos dialógicos não aconteceram nesse modelo de formação. Nele, foram considerados apenas conteúdos teóricos. Esta foi, em geral, uma queixa dos professores de Educação Física que, além de desejarem ampliar o repertório conceitual, necessitavam de aportes que vinculassem suas reflexões com a prática concreta.

Para essas formações, a Secretaria de Educação contratou uma equipe de educadores atinados com as novas abordagens e propostas da área e da disciplina escolar. No entanto, durante o processo de formação, percebeu-se uma situação paradoxal. De um lado, a introdução de uma formação baseada nas teorias psicológicas da psicomotricidade e do desenvolvimento motor e, de outro, o currículo do município que não enfatiza esse aporte teórico, mas que se pauta no documento concebido nas bases do currículo cultural, que valoriza o conjunto dos saberes fundantes do ato de ensinar no ambiente escolar – dentre outros, formação inicial e contínua dos professores, currículo e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência na profissão, cultura pessoal, contexto cultural, profissional e aprendizagem com os pares.

Como podemos observar, a formação de professores de Educação Física, ministrada nos anos 2014 e 2015, não relacionou a proposta curricular que o município outrora havia construído com a abordagem trabalhada pelos formadores. Essa falta de diálogo entre as teorias tratadas na formação e a proposta do município, de certa forma, causou confusão entre os professores sobre qual modelo de ensino deveria orientar suas práticas pedagógicas.

No ano de 2016, a Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo contratou o Instituto Esporte e Educação (IEE), uma organização não governamental presidida pela ex-jogadora brasileira de vôlei Ana Moser, para ministrar as formações continuadas para os professores de Educação Física. O referencial teórico que orientou essas formações tem base na abordagem construtivista, sendo Jean Piaget uma de suas referências. Sua principal característica é a construção do conhecimento através do meio em que os alunos estão inseridos e por meio do jogo simbólico. Suas atividades são realizadas com materiais confeccionados utilizando os conhecimentos prévios dos alunos, ou seja, tudo aquilo que eles já conhecem sobre jogos e brincadeiras. A abordagem construtivista também é utilizada por alguns professores na sala de aula, visando contribuir no desenvolvimento da alfabetização e letramento. O Instituto Esporte e Educação ainda

conta com a assessoria de um renomado professor de Educação Física chamado João Batista Freire, sendo o responsável em apresentar a teoria construtivista para esta disciplina.

Observamos, nesse processo de política pública, que a Secretaria de Educação considera relevante alternar as concepções pedagógicas da Educação Física. Assim, no ano de 2016, em que aconteceram as Olimpíadas Rio 2016, no Brasil, o município de São Bernardo do Campo procurou desenvolver projetos enfatizando o esporte como conteúdo das aulas nas escolas, pelo método de trabalho que desenvolve o IEE. Percebe-se, aqui, nesse clima olímpico, uma tendência ao retorno da ênfase no esporte de competição que, em grande medida, significa o esporte como um fim em si mesmo.

Segundo Campos (2010), a predominância do esporte nas aulas de Educação Física, em função da exacerbada valorização social dessa cultura em detrimento de outras, pode gerar exclusão de alunos que não se identificam ou não têm “habilidades” para a prática de esportes. Na verdade, esse debate acadêmico sobre a crítica do centralismo do esporte nas aulas de Educação Física, iniciado na década de 1980, ainda perdura nos dias atuais, o que nos permite afirmar que, em grande medida, a identidade da Educação Física ainda está em crise. Para Medina (1983, p. 35),

A Educação física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física do que através de certezas monolíticas que na verdade não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses.

Em nosso entendimento, a ausência de diálogo criterioso sobre os referenciais teóricos, os conflitos de abordagens e as diferenças político-ideológicas que marcam a política de formação, caracterizada pela multiplicidade dos projetos e grupos que oferecem formações continuadas no Município de São Bernardo do Campo, têm configurado uma questão crítica na conceituação do papel da Educação Física, na rede. Pelos comentários docentes nas formações, pelas dúvidas permanentes das equipes gestoras sobre as formas de trabalho desenvolvidas pela

disciplina nas escolas, nota-se a grande confusão que cerca a prática pedagógica dos professores de Educação Física.

Nesse contexto difuso, com o objetivo de construir um caminho coerente, em nossa prática pedagógica, nos amparamos na proposta curricular do município, introduzindo aí a concepção freiriana, sobretudo a partir do Círculo de Cultura, uma ideia nova no campo disciplinar da Educação Física. Acreditamos, com isso, que o diálogo entre ambas as perspectivas pode ser um eixo orientador progressista da prática dos professores de Educação Física que atuam neste município, valorizando a cultura dos alunos e problematizando os diversos acontecimentos da sociedade.

Considerando que, para Paulo Freire, o mundo da prática é exatamente um dos fundamentos de sua concepção pedagógica, compreendemos que sua teoria pode atender uma expectativa antiga das demandas concretas dos professores da Educação Física, qual seja, pensar a disciplina não por meio de um currículo idealizado, mas a partir da realidade pedagógica do cotidiano escolar. Compreendemos que esta pode ser uma alternativa que contribuirá sobremaneira para a formação de professores no Município de São Bernardo do Campo.

Neste contexto de crise, tendo em vista a concepção de que a Educação Física, como quaisquer componentes curriculares da escola, deve, acima de tudo, promover a inclusão, já que ela não se destina a um grupo restrito, mas deve atender às necessidades pedagógicas de todos os alunos e alunas da escola, nossa busca é a de desenvolver um trabalho baseado na perspectiva de um currículo cultural e do Círculo de Cultura na aula. Cientes de que essa problemática é muito ampla, entendemos que, com isso, ao promover o diálogo intercultural entre os educandos e a equipe escolar de modo geral, nesse micromundo, podemos, em alguma medida, dar a nossa contribuição para a definição do papel e da missão pedagógica da Educação Física na escola.

## Considerações possíveis

O currículo cultural e o Círculo de Cultura são perspectivas teóricas que podem ser dialogadas em conjunto, visando orientar a prática pedagógica do professor de Educação Física e promover um ambiente harmonioso e crítico. Por meio dessa abordagem, docentes e alunos poderão ressignificar as diversas manifestações da cultura corporal, tendo como fontes, dentre outros elementos, os jogos e as brincadeiras.

A partir dessa perspectiva, em que se incorporam na prática pedagógica o currículo cultural e o Círculo de Cultura, temos conseguido lograr aos alunos,

por meio das leituras de suas realidades, conhecer e vivenciar diversas práticas corporais, desmistificando preconceitos e estabelecendo, na medida possível, relações de igualdade entre meninos e meninas na participação das atividades escolares. Tendo em vista o contexto atual, a nossa experiência pessoal e as diversas experiências ocorridas em diferentes municípios, a prática do currículo cultural tem se mostrado não apenas útil, mas de fundamental importância às aulas de Educação Física.

Diversos municípios já apresentaram projetos desenvolvidos nesta concepção de ensino, em que se observa que as diferentes vozes são consideradas no interior da escola, tendo em vista a valorização e o respeito à cultura corporal. Para nós, o Círculo de Cultura, além de constituir-se como um princípio da pedagogia emancipadora, é uma ferramenta de grande valia para a compreensão e para o reconhecimento dos saberes populares também nesse campo do conhecimento.

Embora a proposta curricular inicial, criada em 2007, para os professores de Educação Física esteja amparada nos estudos culturais, até 2016, todas as formações destinadas a esses docentes não contemplaram a perspectiva da cultura corporal. Todavia, em nossa prática cotidiana na escola, convencidos dessa abordagem cultural e das contribuições de Paulo Freire, por meio do Círculo de Cultura, temos desenvolvido um trabalho, ao nosso ver, mais participativo, dialógico e inclusivo, o que tem mostrado resultados muito satisfatórios, se considerarmos a coerência com a pedagogia emancipadora.

Como toda realidade é processual e dialética, acreditamos que a experiência com os estudos culturais — abordagem visível na proposta curricular de Educação Física do município de São Bernardo do Campo, mas ainda não contemplada nas formações de professores —, em diálogo com os princípios freirianos, pode representar um caminho possível para o trabalho pedagógico.

Obviamente, quando se trata de uma ação voltada para uma rede educacional, não é possível uma mudança estrutural com ações isoladas. Faz-se necessário, por isso, uma política pública comprometida com a mudança. Neste sentido, todos aqueles e aquelas que compartilham desta perspectiva educadora, professores de Educação Física ou não, se, por um lado, não podem operar essa mudança geral neste momento por falta de condições objetivas, por outro, podem assumir essa desafiadora missão de convencer política e pedagogicamente os gestores e aqueles que estão diretamente responsáveis por tais políticas, criando as condições para um “inérito viável”, como se diz na teoria freiriana.

Esse é, portanto, um movimento que, por sua natureza cultural, deve ser realizado não “de cima para baixo”, como mais uma proposta a ser mecanicamente abraçada pelo corpo docente. Ao contrário, em se tratando de educação

crítica voltada para a emancipação humana, esse processo precisa ocorrer dialogicamente, isto é, como um movimento coletivo que envolve horizontalmente a todos os segmentos da comunidade escolar. Isto pode parecer mero idealismo, mas, como destaca Paulo Freire, em se tratando de utopia, cuja grande marca é a mudança, é preciso fazer o possível de hoje para criar as condições necessárias de amanhã, na realização do novo caminho.

## Notas

- 1 No ano de 2014, por meio de concurso público, o Município de São Bernardo do Campo recebeu em seus quadros escolares a chegada de professores especialistas em Educação Física.
- 2 Considerando o espaço destinado a este texto, com vistas a enquadrar-se nos critérios do periódico, optamos por suprimir os detalhes da descrição das diferentes atividades desenvolvidas nos mencionados círculos de cultura. Dessa forma, apresentamos apenas uma explanação mais contextual da realização dessa experiência pedagógica.
- 3 Para os propósitos deste trabalho, optamos por manter o anonimato da escola, bem como dos sujeitos participantes da pesquisa.

## Referências

- AGUIAR, A. A. D. *As meninas de costas: análise do currículo de Educação Física e a construção da identidade feminina*. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BRASIL. *Base nacional comum curricular*. 2ª versão. Brasília, DF: MEC, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Lei n.º 9.394/96*. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais: educação física*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CAMPOS, E. F. E. Educação física escolar: uma proposta curricular para o ensino fundamental. *Revista eletrônica pesquiseduca*, Santos, v. 2, n. 3, jan./jun. 2010.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 1995.
- DARIDO, S. C. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- FONSECA, V. *Manual de observação psicomotora*. São Paulo: Artmed, 1995.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MAFRA, J. F. *Paulo Freire, um menino conectivo: conhecimento, valores e práxis do educador*. São Paulo: BT Acadêmica; Brasília, DF: Liber Livro, 2016.

MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo e mente*. Campinas: Papyrus, 1983.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s). *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156-168, maio/jun./jul./ago. 2003.

NEIRA, M. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 39-54, jul./dez. 2008.

\_\_\_\_\_; MULLER, A.; NUNES, H. O currículo cultural de educação física na rede Sesi-SP de ensino: uma análise a partir da diferença. *Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar*, São Paulo, ano 1, v. 2, p. 113-124, nov. 2015.

\_\_\_\_\_; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.

NUNES, M.; RÚBIO, K. O(s) currículo(s) da educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 55-77, jul./dez. 2008.

ROMÃO, J. E. et al. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação e Linguagem*, São Bernardo do Campo, ano 9, n. 13, p. 137-195, jan./jun. 2006.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXI, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

recebido em 28 set. 2016 / aprovado em 16 nov. 2016

**Para referenciar este texto:**

SOUSA, C. A.; MAFRA, J. F. Formação de professores e o currículo cultural da educação física: uma etnografia sobre a prática pedagógica. *Dialogia*, São Paulo, n. 24, p. 179-192, jul./dez. 2016.